

" B E A T R I Z ! "

Em 2 atos
(texto de Hilton Wegri, baseado em
"Beatriz Cenci" de Gonçalves Dias)

PERSONAGENS:

- FRANCISCO CENCI
- LUCRECIA, sua esposa e madrasta de
· BEATRIZ
- MARSIO, namorado de Beatriz
- LETÍCIA, criada de Lucrecia
- PAULO, criado de Sr. Cenci
- OLÍMPIO, sacerdote
- PRIMEIRA IRMÃ
- SEGUNDA IRMÃ
- GUARDA I
- GUARDA II
- CRIADO I
- CRIADO II
- CRIADO III
- CRIADA I
- CRIADA II
- CRIADA III



TEATRO DE ARENA : 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90000

NÃO É SÓCIO
Sujeito à autorização
direta do autor



16.02.72

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025

BEATRIZ

AUTOR: Nilton Negri

Número de personagens: 13 homens e 8 mulheres

Personagens:

Ator I

Ator II

Ator III

Ator IV

Francisco Cenci

Lucrecia - esposa de Francisco e madrasta de Beatriz

Marsio - namorado de Beatriz

Letícia - criada de Lucrecia

Paulo - criado

Olímpio - sacerdote

Primeira Irmã de Caridade

Segunda Irmã de Caridade

Guarda I

Guarda II

Criado I

Criado II

Criado III

Criada I

Criada II

Criada III

Número de páginas: 21

Número de exemplares: 1

Atos: 2

Tema: Menina com namoro impedido pelo pai, que termina mandando matar o rapaz e é morto pela mulher, pois ele violentou a própria filha que acaba louca.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

Isso é por conta dos seus serviços.

PAULO-(sorrindo e fazendo mesuras)Obrigado patrão.

FRANCISCO-(Para Lucrecia)E voce' estará presente,Lucrecia.Eu voce' e Beatriz!(Lucrecia sai apressadamente) (SEMI-BLACKOUT)

GENA 5

(Lucrecia está no centro do palco.Francisco e duas criadas à esquerda Marsio e Beatriz à direita.)

LUCRECIA-Agora quer a própria filha.Não bastaram suas amantes.Quanto a mim,devo obedecer-lo.Deixar Beatriz a sua merce'.Meu Deus,ajudai-me por favor,dai-me forças...O meu remorso será eterno!

FRANCISCO-(a parte com as duas criadas)~~.....~~.(ela senta no seu colo)

CRIADA II-(rindo-se) O senhor suspendeu a festa!Que pena!

FRANCISCO-(puxando a outra criada)Estou cansado de festas.

CRIADA III -Últimamente,o patrão anda muito pensativo.(faz-lhe um carinho e beija-o descaradamente)

FRANCISCO-Sei lá,meninas.Mas estes prazeres já não me alegam mais aborrecem-me,até.Desejo uma coisa mais pura...alguém muito suave... meiga e (com intenção para uma delas) e...ousta (a criada ri)

MARSIO -Tenho pensado muito sobre nós,Bea.(separa-se de Lucrecia) Seria melhor eu partir,sumir de vez.Voce' seria mais feliz com a sua família.

BEATRIZ-(Abraçando-o) assustada)Se voce' partir...o que será de mim.?

MARSIO-Meu anjo,eu sou um homem do mundo,um estranho que hoje está aqui,amanhã já não está lá.Não tenho direito de tirá-la de casa para sofrer a meu lado.

BEATRIZ-Por nada deste mundo iria quere me separar de voce'.
(abraçam-se e beijam-se)

MARSIO-Voce' é tão pura!

FRANCISCO-(afastando as criadas)Gasta(explode numa gargalhada)

LUCRECIA-(como se rezasse)Perdão,Meu Deus!

(SEMI-BLACKOUT)

GENA 6

(Criados trazem três bancos.Um lençol-tonalha é esticado a frente por dois criados.Francisco,Lucrecia e Beatriz tomam seus lugares.Criados servem a mesa(mímica).Lucrecia nada come.Francisco bebe e come até fartar-se,sem tirar os olhos de Beatriz.Por fim Lucrecia,lentamente levanta-se e sai.Beatriz fica sem entender.Francisco se aproxima da filha com o olhar transtornado pelo desejo.Beatriz se conserva estática,sem compreender.Agora estão frente a frente)

(BLACKOUT)

II ATO

PROLOGO-(O silencio todo está em cena. Beatriz está totalmente mudada. Todos fazem um círculo em sua volta. Beatriz troca as vestes brancas e suaves por uma veste pesada. ^(SEMI-BLACKOUT) Os atores se dispersam e deixam-na só no palco. ^(Entra Lucrécia))

CENA 1

(Beatriz está sentada num estrado. Tem a fisionomia transtornada)
LUCRÉCIA-Beatriz...perdoe-me...Pelo amor de Deus!(ela continua caída) Beatriz, fale, pelo amor de Deus! Fale comigo! Diga alguma coisa, que me odeia, por exemplo, mas fale pelo amor de Deus! Bea???

BEATRIZ-Lucrécia, nada tenho para falar. Nada eu entendo, nada...

LUCRÉCIA-Você está bem, minha filha?

BEATRIZ-Não, eu não me sinto bem...

LUCRÉCIA-O que está sentindo?...Quer um médico?

BEATRIZ-Não, Lucrécia.

LUCRÉCIA-Porque me chama assim? Não me chama mais: mamãe?

BEATRIZ-Porque uma mãe, não deixaria que tanto mal me acontecesse.

LUCRÉCIA-Você não me perdoou...

BEATRIZ-Perdoei sim...mamãe.

(abraçam-se) (Lucrécia fala entre lágrimas)

LUCRÉCIA-Fui obrigada a cooperar com a loucura de seu pai. Aquela dia em que Marsio esteve aqui e estivemos conversando a sós, você se lembra? Aquela maldito aproveitou-se da situação, reuniu testemunhas e acusou-me de adúltera.

MARSIO- Com Marsio?

LUCRÉCIA-Sim, Bea.

BEATRIZ-Meu Deus!

LUCRÉCIA-Ameaçou-me: disse que eu seria expulsa dessa casa e você ficaria a mercê de suas loucuras.

BEATRIZ-Agora eu estou entendendo muita coisa. A origem dos boatos sobre ele, o meio de Marsio e os sacrifícios dele para poder falar comigo! (Lucrécia explode sua cólera)

LUCRÉCIA-Eu juro que vou matá-lo!

BEATRIZ-Não mamãe, não!

LUCRÉCIA-Para o que ele fez, não há perdão.

BEATRIZ-a gente precisa saber perdoar, precisa...

LUCRÉCIA-O que fazer?(lamenta-se e caminha pela cena preocupada)

BEATRIZ-Por enquanto, eu não sei de nada, mamãe. Só penso em Marsio. Como vou encará-lo depois de tudo?

LUCRÉCIA-Marsio vai compreender.

BEATRIZ-Talvez mamãe, talvez...

LUCRÉCIA-(Para si mesma) Meu Deus!

Agora vá repousar, minha filha. E não se preocupe. (Ela sai e no mesmo tempo entra Francisco)



FRANCISCO—(Muito alegre, como se nada houvesse) Olá, querida esposa. O almoço estava maravilhoso! É pena que você e Beatriz, não tenham comparecido. Por falar nela, onde está? (Lucrecia vai sair) Eu lhe fiz uma pergunta!

LUCRECIA—Não vou responder nada. Nada tenho a dizer... Portou-se como um animal!

FRANCISCO—Animal que a sustenta, Animal? Se não está satisfeita, vá, as portas estão abertas. Vamos, vá para sargeta, é lá o seu lugar. Deixe-me só com Beatriz.

LUCRECIA—Vontade eu tenho. Vontade de sumir. E mesmo a sargeta é mais digna que você!

FRANCISCO—Quanto você quer para sumir?

LUCRECIA—Por dinheiro alguma, abandonaria Beatriz e suas garras! Por dinheiro algum, está ouvindo? (vai saindo e para) Tome cuidado!

FRANCISCO—Vá, vá e tenha sempre isso em mente: Um homem como eu nunca se ameaça. (Paulo que estava escutando, escutando fora de cena, sai do esconderijo e foge pela platéia.)

FRANCISCO—(Dirige-se para a platéia) Vejam só, parece que o mundo vai casabar! (ri-se como um louco) Apenas porque fui para cama com a minha própria filha! Como se isso fosse o maior de todos os crimes! Oh! BEATRIZ! (Entram em grupos, atores que representam a consciência)

CONSCIENCIA—É sua filha, é sua filha, é sua filha! (repetem muitas vezes)

FRANCISCO—Sim, é minha filha e porque não posso amá-la?

CONSCIENCIA—Você está louco, louco, louco, você está louco! (no mesmo)

FRANCISCO—Não! EU NÃO ESTOU LOUCO!

CONSCIENCIA—Amor a própria filha é doença, é doença, é doença! É loucura, você está louco, louco, você está louco!

FRANCISCO—Não! Amar Beatriz não é ^{estar} doente. É estar vivo!

CONSCIENCIA—(em fragmentos) É sua filha! Você está em pecado! É a moral, Sr Francisco Cenci, e a moral, e a moral? Você está louco. Ela é sua filha! É o escândalo? O escândalo? A sociedade? Não se esqueça que ela é sua filha, sua filha! (repetem até atingir um tom muito alto e ensurdecedor)

FRANCISCO—(gritando) É minha filha, e daí?! (pausa) Seria pecado? (pausa) Pecados, pecados... Venderia a alma para ter Beatriz sempre comigo. (já possesso) Mas Beatriz é minha filha. Mas o que tem isso? Vocês não concordam? Vocês não acham que isso tenha importância, acham? É claro que não há mal nenhum, não é mesmo? (olha fixamente para o público) Porque estas caras de superioridade? Porque se acham responsáveis pelo moral e o bem estar de todos? Conversa. Vocês são iguáizinhos a mim. Dirão que já me olharam disfarçadamente para as formosuras das próprias filhas? Não terão talvez pensamentos, que a custo interram no fundo de vocês mesmos? Quantos sonhos em que essas puras meninas aparecem suspirantemente? (ri-se) (Paulo entra)

PAULO—As suas ordens, patrão.

FRANCISCO—(se recompondo) Oh! Paulo...

PAULO—Falando sozinho, patrão?

PAULO-Falando sozinho, patrão?

FRANCISCO-Não, não, pensando em voz alta.

PAULO-O que deseja senhor?

FRANCISCO-Que notícias você me traz de meus empregados no campo?

PAULO-Continuam com aquelas reuniões... planejando uma revolta.

FRANCISCO-Isso não é novidade. Quero os cabeças desse movimento. Quem são

PAULO- O jovem Marcelo, é o cabeça...

FRANCISCO-Então é ele?

PAULO-Mas o rapaz é muito esperto. A gente nunca viu o vé por lá. E mais. Planejam mandar uma comitiva para falar com o senhor.

FRANCISCO-Falar, o que?

PAULO-Eles pedem melhores condições de vida, justiça e aumento de salários, e outras bobagens!

FRANCISCO-Aquele fedelho é bem mais perigoso do que eu pensava. É um ótimo inimigo, que poderia ser um ótimo aliado.

FRANCISCO-Mande prendê-lo imediatamente. Pruna os homens. Ele voltará aqui outra vez.

PAULO-Certo, Patrão. E sobre a tal comitiva? Deixo-os entrar ou... (faz um

FRANCISCO-Não, não. Deixe-os entrar. É melhor ^{santo de cortar a cabeça} escuta-los. Faça de conta de que nada sabemos a respeito do motivo de sua visita.

(SEMI-BLACKOUT)

ORNA 2

(Olimpio entra com duas irmãs. Os três usam enormes chapéus religiosos)

OLIMPIO-É aqui o palácio dos pecados, irmãs!

AS DUAS-(amedrontadas) O que?

OLIMPIO-É a casa do Senhor Cenci. Um devasso e um herege, que acostu-
mou-se a comprar tudo e todos com a sua fortuna. Aqui, comete as maiores
atrocidades e absurdos!

I IRMÃ-E as autoridades?

OLIMPIO-Bem se vê que a irmã não vive em contato diário com os homens
de hoje. (a irmã benze-se)

II IRMÃ-A justiça humana é cega, e o peso do dinheiro é que realmente
mechê a sua balança.

OLIMPIO-Temos aqui uma missão, em que nossas preces e somente elas é
que poderão ajudar-nos.

I IRMÃ-A justiça divina não falha.

OLIMPIO-É para ela o peso do dinheiro nada significa.

II IRMÃ-Tenhamos fé.

(Entra criada)

CRIADA I^a-(com um tom de deboche) Bêngas, Padre.

OLIMPIO- Deus a abençoe minha filha.

CREADA Irmã-Obrigada, Padre. (as duas irmãs se entre-olham com esta hesitação) O que deseja o senhor?

OLÍMPIO-Desejava falar com o Senhor Cenci.

CREADA Irmã-Vou avisá-lo pessoalmente (vai saindo requebrada)

(Entra Paulo e os interrompe)

PAULO-O que deseja, Padre?

OLÍMPIO-Falar com seu patrão, homem de Deus! Leve-nos até a presença dele.

PAULO-(debochado) Calma, piedoso homem. "Salomão já dizia que cada coisa é tem seu tempo e sua hora.

OLÍMPIO- Pois meu filho, é chegada a hora de falar com o seu patrão. Nosso tempo é curto.

PAULO-Primeiro preciso saber de suas intenções, reverendíssimo, para depois anunciá-lo ao Sr. CENCI. Seria alguma obra piedosa que o traz aqui?

OLÍMPIO-Exatamente, meu filho. É uma obra de caridade que nos traz aqui. E só o seu patrão será capaz de ajudar-nos.

PAULO-Tenho certeza, padre, que o Senhor Cenci, o ajudará. Ele é um homem de fé. Um cristão de marca maior!

OLÍMPIO-(como se não soubesse) Eu sei disso meu filho.

I Irmã-Pena é que não compareça a casa de Deus.

PAULO- Coisas da vida, irmã.

OLÍMPIO-Mas vá, meu filho. Anuncie-nos sem demora. Desejo falar o mais breve possível com este piedoso e fiel cristão.

(Semi-Blackout)

CENA 3

(Em cena: Francisco e os mesmos.)

FRANCISCO-Ao diabo sem o senhor e o seu Deus.

OLÍMPIO- O senhor é um homem, se assim posso chamar tal criatura, que devia ser excomungado e a justiça...

FRANCISCO-Que excomunhão, que justiça? O seu Deus só excomunga quem não tem dinheiro para encher-lhe os altares de ouro e para ajudar a sustentar uma corja de vadios e vadias.

(Uma das irmãs, desmaia. É acudida pela outra irmã)

OLÍMPIO-O senhor é um assecla do demônio!

II Irmã-Calma, senhoras, pelo amor de Deus, calma! É preciso o calma, quando se trata destes assuntos de fé.

OLÍMPIO-(acalmado-se) Tem razão, irmã, é preciso calma para podermos conciliar os nossos mútuos interesses. Tenho a certeza que o Senhor CENCI falou sem pensar. Afinal de contas ele é um homem religioso.

FRANCISCO-É claro, padre (ri-se) Desculpem-me senhoras (elas se olham) mas é que as discussões me fazem perder a razão. Ainda mais ultimamente que ando um tanto nervoso. Deve ser a idade.

I Irmã-Qual nada Senhor Cenci, o senhor ainda é um homem novo! (A II irmã faz um olhar de repreensão a I irmã)

FRANCISCO-Obrigado, irmã. Mas, padre, sobre aquilo que a senhora me falou que irei construir aqui em casa; deixo o assunto em suas mãos. O senhor pode providenciar



o senhor pode providenciar tudo. Não se preocupe com os gastos.

OLIMPIO- (alegrando-se) Ótimo, Senhor Francisco.

I RMA- Assim o senhor estará maior número de vezes na casa de Deus.
(Francisco a parte para Paulo)

FRANCISCO- Compre Deus e ponha-o a seu serviço! (o criado ri)

OLIMPIO- Que disse, Senhor Francisco?

FRANCISCO- Nada, padre, nada. Disse apenas a meu empregado, que vai ser maravilhoso ter a casa de Deus aqui em minha casa.

OLIMPIO- Ah! É quanto aquele assunto sobre a possibilidade de melhoria de vida de seus empregados...

FRANCISCO- Não se preocupe, padre. Irei estudar tim-tim por tim-tim o problema e trocaremos depois de idéias.

OLIMPIO- O senhor é um homem muito justo e compreensivo... e tenho certeza que iremos acertar nossos negócios da melhor maneira possível.

FRANCISCO- Sobre isso, não há dúvida, padre.

OLIMPIO- Como o tempo é curto; e nós precisamos visitar muitas famílias ainda; desejamos paz e harmonia neste lar de Deus.

FRANCISCO- Muito obrigado, reverendo e não se esqueça da capela.

(Ele e o criado benzen-se quando Olimpio os abençoa)

FRANCISCO- Paul, vá atrás dessas duas e ofereça-lhes esta quantia.

PAULO- Elas não vão aceitar.

FRANCISCO- Não dê o dinheiro como suborno, homem. Diga que é auxílio meu para as obras de caridade ~~deles~~ Apenas peça algumas informações em troca: por exemplo... onde poderemos achar Marsio? (ri-se)

(Paulo sai correndo atrás das freiras que ficaram um pouco para trás e segue-se a pantomima da entrega do dinheiro e a informação desejada)
(Enquanto isso Marsio aparece no palco chamando por Beatriz. Uma das irmãs aponta-o com o dedo. Paulo agradece e elas se retiram. Paulo sai)

CENA 4

MARSIO- Beatriz! Beatriz!

BEATRIZ- (aparecendo)

MARSIO- Você não me ouviu, Bea?

BEATRIZ- (Fria) Ouvi sim.

MARSIO- (tentando pegar a sua mão. Ela o repele serenamente) O que foi, Bea?

BEATRIZ- Nada, Marsio, nada.

MARSIO- Como nada? Você está diferente, Bea... o que é Bea, diga, por favor?

BEATRIZ- Eu já disse que não há nada, você não ouviu?

MARSIO- Tá bom, Tá bom, Bea, não há nada.

BEATRIZ- Eu tenho de ir embora.

MARSIO- Eu acompanho você.

BEATRIZ- É perigoso... e mesmo eu prefiro ir sozinha.

MARSIO- Certo, Bea, se você quer assim, deve ter seus motivos! Deve ter seus motivos, não vou obrigá-la a falar, mesmo porque eu já sei. E no fundo, você está certa. Não há de ser nada, não. Logo a gente se esquece e você vai ser muito mais feliz com o rapaz que seu pai escolher!

Adeus, Bea. (Beija Beatriz que permanece estática)



Adeus, Bea. Muito obrigado por tudo. (Vai sair)

BEATRIZ-(Correndo para ele)Marsio!

(Marsio volta-se surpreso -abraça-se em estaca.)Não me deixe por favor!

MARSIO-(Beijando-a)Não Bea, eu também não posso deixá-la. (Pausa) Mas que há?

BEATRIZ-Eu não posso falar.

MARSIO-Está bem, anjo. Se não pode falar, não fale... Mas seja o que for eu gostaria de ouvir, talvez possa ajudar, sei lá.

BEATRIZ-(alegrando-se)Suas cartas estavam bacanas!

MARSIO-E eu que pensava que você não as tinha recebido! Mas porque não as respondeu?

BEATRIZ-(separando-se dele)Marsio, o que eu tinha para dizer é que eu não posso mais ser sua namorada.

MARSIO-Juro que não estou entendendo, Bea.

BEATRIZ-E que eu não posso continuar com você... eu já sou de outro!

MARSIO-E é dele que você gosta?

BEATRIZ-Não.

MARSIO-Então não há problema.

BEATRIZ-Marsio, você não entendeu... eu já sou de outro!

MARSIO-Isso não importa.

BEATRIZ-Eu não sou mais a Beatriz que você conheceu.

MARSIO-Mas é ainda a mulher que eu amo. (pausa)Quem é ele?

BEATRIZ-(bata a cabeça)Meu pai.

MARSIO-Bea?(Profundamente chocado abraça Beatriz com força)

(ficam abraçados. Ela chora)

BEATRIZ-Só de ouvir sua voz eu estremeço.

MARSIO-Deva ser horrível para você. Tudo isso parece um pesadelo.

BEATRIZ-Sim um pesadelo. Eu tenho medo, Marsio. Ele é um monstro!

MARSIO-Eu estarei sempre com você, Bea.

BEATRIZ-Você é tão diferente, Marsio. As vezes chogo a pensar que você não existe que você é apenas parte de um sonho-parte boa de um pesadelo que aparece para me salvar.

BEATRIZ-(Cobre o rosto com as mãos)Esqueça isso. Você tem os seus próprios problemas...

MARSIO

→ Deste momento em diante, mais do que nunca, todos os problemas seus serão meus. A partir de agora você é minha esposa. Sem igreja, sem sem festas, sem lei! Você é minha esposa pelas leis naturais do homem pelo amor e nada mais! (Pausa) Desculpe-me Bea. Só lhe posso oferecer isso. Você aceita.

BEATRIZ-Isso é muito. Eu só quero você.

(Beijo longo)

MARSIO-MVocê agora é minha esposa... para sempre.

(FIM - BLACKOUT)

CENA 5

(DOIS GUARDAS montam guarda. MARSIO, entre eles está próximo com as mãos atadas as costas. Paulo entra)

PAULO- Até que enfim rapaz. É todo nosso. Arrumou o que queria.
(Marsio fica calado)

GUARDA I- A gente pode ensinar umas coisinhas para o moço aí...

GUARDA II- É só ordenar.

PAULO- Não, de modo algum. Esta preza é caríssima. (Para Marsio) ~~Veja~~ Sabe o patrão tem um profundo respeito por você? Diz que você é um inimigo perigoso. Não vejo nada disso.

MARSIO- Me agrada bastante não te-lo como inimigo, assim, gratuitamente. E pensa que não possa pagar-lhe uma boa soma para te-lo como inimigo ou como amigo. E isto não é vantagem para você.

PAULO- Angano seu, as vezes as coisas mudam. Não sei ainda quem sairá vencedor dessa desavença, digamos, entre você e o patrão.

PAULO- Então trate de ficar do meu lado, "amigo". Eu sairei vencedor.

PAULO- Ainda não tenho lá estas cartegas. Porventura iremos conversar melhor.

MARSIO- Aproveite agora, porque a minha estada aqui é curta.

PAULO- (Sorri) Vamos.

(Os guardas se perfilam. Entra Francisco)

FRANCISCO- Muito bem. Espero que não o tenham maltratado.

MARSIO- Sejamos objetivos. Senhor Francisco Cenci-direto ao assunto, pois me parece que não temos nada ou quase nada para conversar.

FRANCISCO- Você é magnífico, jovem. Foi aqui aquela ficção que todo o homem destinado ao poder, deve passar.

MARSIO- Não quero passar por isso.

FRANCISCO- Mas não se esqueça que é o único caminho de objetivos.

MARSIO- Mas não quero passar por isso. Quero Francisco Cenci-me diga se não há outro caminho para o poder.

FRANCISCO- Não há outro caminho para o poder. Mas há um caminho para a felicidade. É o caminho da honestidade. É o caminho da justiça. É o caminho da verdade. É o caminho da coragem. É o caminho da dignidade. É o caminho da honra. É o caminho da glória. É o caminho da grandeza. É o caminho da eternidade. É o caminho da vida.

MARSIO- Quer dizer com isso que posso casar com Beatriz?

FRANCISCO- Calma, calma. Sim, eu estaria disposto a ceder minha filha a você.

MARSIO- Onde?

FRANCISCO- Calma. Isso teria um preço. É claro que se você não quiser pagar, não pode casar. É assim tratado.

MARSIO- Quanto quer?

FRANCISCO- Não seria o meu braço direito? Filho que nunca tive. O dono de Beatriz e de fortuna dos Cenci. É um filho, jovem, você é um Cenci um pouco "divertido".

MARSIO-O senhor deve ter enlouquecido.

FRANCISCO-Será a sua chance, meu caro.

FRANCISCO-(OLHA:O COM ANSIOSIDADE) Pense bem, jovem, pense bem.

MARSIO-Não, Sr. Cenci.

FRANCISCO-E para o bem de vocês dois.

MARSIO-Quanto mais longe estivermos dos seus domínios, melhor. Tanto para mim como para Bea. Ela mais do que eu.

FRANCISCO-Então você já sabe.

MARSIO-Sei sim, senhor. E se não estivesse com as mãos atadas...

FRANCISCO-(ri-se) Meu rapaz! Você vai ganhar uma fortuna e uma mulher experiente. Já se encontra livre de problemas...

MARSIO-Seu fim está chegando! (Marsio está furioso)

FRANCISCO-(imperturbável) Você perdeu, meu caro. Perdeu a Bea, uma fortuna e a vida! PODEM LEVÁ-LO. (Os guardas vão levando Marsio para fora)

PAULO-(Para Marsio) É parece que não seremos amigos. Você perdeu. (ri-se)
(Levam Marsio)

FRANCISCO-(Para Paulo) Tome a sua gratificação. E suma.
(Paulo contando as moedas)

PAULO-O senhor é muito bondoso, patrão. Muito obrigado. (Paulo olha para a platéia sempre contando o dinheiro) (As luzes do palco se apagam)

(Luzes na platéia) Tudo isso... é meu. Estou praticamente rico. Sou dono de uma pequena fortuna e tenho o meu futuro garantido. E que me custou tudo isso? Nada! O mínimo de esforço físico, apenas um bom ouvido para colar às portas e ouvir segredos de alcova. Um bom sorriso para todos e a técnica da submissão total, lealdade somente para quem pagar mais. Por acaso existe algum crime em tudo isso? É claro que não-todos o fazem, cada um a seu preço. Uns se vendem por pouco, outros por muito, mas se vendem. (pausa) Dirão os senhores: e a consciência? Querem um conselho de alguém que venceu na vida? Pois lá vai: ponham a consciência fora, amigos. Eu nem devia dar tal conselho, deveria cobrar, e um preço, é claro. Mas como hoje estou a festejar a minha nova situação, vou lhes dizer mais: se não conseguirem deixar a consciência de lado: façam as coisas sem utilizando nomes; é. Não digam: me vendi e sim: o fiz por um ideal, em nome da justiça, da amizade ou mesmo da própria moral. Pois o amigo, o justo, o íntegro é aquele que lhe dá mais, pois ele se mostra interessado em você. (No palco aos poucos chegam os criados)

CRIADO I-Estou farto dessa vida de submissão!

CRIADO II-Trabalho o dia inteiro. Executo ordens com perfeição e recebo míseros trocados!

CRIADO III-Basta de escravidão!

CRIADO I Já cansei de passar fome.

CRIADO II-Na verdade somos escravos, é só uma questão de nomes.

CRIADO III-A família é grande e o dinheiro termina antes de matar a fome de todos.

CRIADO I -Nem fale, porque passar fome eu já acostumei.

CRIADO II-Sempre cumprir ordens.



CRIADO III-Eu quero ser livre.

CRIADO II -Precisamos nos tornar livres.

CRIADO III -Ou deixar de ser empregados.

OS TRES JUNTOS-E,precisamos ser livres!

CRIADA I-(entrando)Falaram em liberdade?

CRIADA II -Liberdade?

CRIADA III- (Entrando)Liberdade?

CRIADO I -N!Resolvemos ser homens livres.

CRIADO II -É a única saída.

CRIADA I -Mas que falta de propósito!

CRIADA II -Que inocência,isso sim! (a criada III -para o público)

CRIADA III -Mal sabem eles de que se nutre a liberdade dos homens.

CRIADA I -Para ser livre é preciso dinheiro!

CRIADA II -Um montão de dinheiro!

CRIADO I -Mas a fortuna é um sonho raramente concretizado.

CRIADA I -Pelos honestos,colega.

CRIADO II -Já que as damas são tão expertas,que nos ensinem a trilhar o tão difícil caminho da riqueza.

CRIADO III: -Ótima ideia,colega!Que as damas deem a aula.

CRIADA I -Não será propriamente uma aula,mas pequenos conselhos.

CRIADA II -(p/público)E pedimos licença para estendê-las aos senhores expectadores.

CRIADOS-(acomodan-se)Concedido! (MARCAÇÃO-tambores)

CRIADA III-Nada mais justo,pois eles pagaram um bom dinheiro para estarem aqui.

CRIADA I- Então levem do espetáculo alguns ensinamentos de real proveito.

CRIADA II -Que possam transmitir a seus filhos,netos e etc...

CRIADA III -Meus senhores,para início de conversa...

CRIADA II -Só enriquece fácil quem for pelo menos um pouquinho desonesto!

CRIADA I -Se você quiser vencer na vida....

CRIADA III -vá, pelo menos uma vez para cama com o patrão!

CRIADA II -Esqueça a moral!

CRIADA I -Aguce os ouvidos!

CRIADA III-Solte a língua!

CRIADA II -Esteja sempre do lado do mais forte!

CRIADA I -Pegue a sua consciência e atire pela janela!

CRIADA III- E se você quiser ser livre de fato?

CRIADA I-Tire a liberdade dos outros!

CRIADA II -(p/public.)E entre os senhores haverá quem nos censure?

CRIADA III-SE for livre de berço,ou que a sorte o ajudou,tanto melhor.

CRIADA I -Já fica sabendo como cuidar de sua liberdade.

CRIADA II- Se ainda é escravo que faça uso dos nossos conselhos...

CRIADA III- Eles foram pelos senhores,comprados na bilheteria.

CRIADA II-E por nós dados de bom coração.



CRIADA II-E por nós dados de bom coração.

CRIADA I -Embora o teatro não esteja lá em muito boa situação.

CRIADA III-E fazer-lo é quase uma loucura...

CRIADO I -Mas muito agradecemos as amáveis professoras.

CRIADO II-Em nosso nome e do público em geral.

CRIADO III-E não esquecendo a ~~parte~~ a produção, direção e parte técnica.

CRIADO I -Que compõe o espetáculo.

CRIADO II -E voltamos a ser "criados"!

CRIADA III-Não esqueçam de nossos ensinamentos! ~~esqueçam de nossos ensinamentos!~~ ^{Nós ganhamos comissão.}

~~esqueçam de nossos ensinamentos!~~... (SEMI BLACKOUT)

CENA 6

(Beatriz vem do fundo do palco correndo e Francisco^{ra} segura com força)

FRANCISCO-Masim nos reencontramos!

BEATRIZ-Sim, senhor Cenci.

FRANCISCO-O que é isso Bea? Onde fiaram os seus carinhos, a sua meiguice
Todo esse tempo se esquivando de seu pai, han?

BEATRIZ-(tentando se desvencilar)Deixe-me!

FRANCISCO-Muito sentida comigo...(vai beijá-la)

BEATRIZ-(empurrando-o)Não... não!

(Entra Lucrécia e põe-se entre eles)

LUCRÉCIA-Já chega, Francisco!

FRANCISCO-Quem é você para me dar ordens?!

LUCRÉCIA-Nunca mais toque nela!(Entra Paulo correndo)

PAULO-Patrão! Patrão! (Francisco volta-se) O rapaz...(desculpando-se)

fugiu! Mas eu não tenho nada a ver com isso...

FRANCISCO-O que? Fechem as saídas. Quero-o vivo ou morto!(Saem os dois)

(Beatriz e Lucrécia ficam sós)

BEATRIZ-Hoje a noite, eu e Marsio fugiremos daqui. A senhora vem junto,
não é?

LUCRÉCIA-E Francisco?

BEATRIZ-Não sei, mamãe, não sei. Marsio está disposto a tudo...

LUCRÉCIA-Confio nele.

BEATRIZ-Marsio estará aqui...

LUCRÉCIA-(fica pensativa)Bea, e se...(apavorada)Esse rapaz que acaba de
fugir...

BEATRIZ- Mas ele não estava preso...(não termina a frase)

LUCRÉCIA-Meu Deus!

(Troca de iluminação-um som fortíssimo é ouvido como uma descarga
elétrica)

BEATRIZ-O que foi isso?

LUCRÉCIA- Não sei...

(Beatriz sai correndo em direção a descarga)

(Entra Francisco)

FRANCISCO- Pobre rapaz...



FRANCISCO-Pobre rapas...

LUCRECIA-O que foi?

FRANCISCO-O tal Marsio, herói do povo...morreu.

(Lucrecia apavorada, esconde o rosto entre as mãos)

FRANCISCO-Que tolo! Achou fácil desafiar um homem como eu. E eu lhe dei chances nunca dadas a um...inimigo meu. (Olha para Lucrecia) Que lhe sirva de lição, Lucrecia. Homens como eu: nunca se ameaça, mata-se de uma vez! (ri-se, e por má sorte, vira-se de costas para Lucrecia, que tomando um punhal escondido, fere-o pelas costas)

LUCRECIA-Exato, Francisco. Mata-se de uma vez! (ele cai e procura agarrá-la ainda)

FRANCISCO-Maldita! Ahhhg....(morre)

(Um momento de silêncio) (Entra Beatriz. Está transtornada, nada vê, nada sente, caminha lentamente para a platéia)

BEATRIZ- Marsio...Marsio...vamos fugir...ainda há tempo....Marsio...

Marsio...meu esposo. (Lucrecia procura fazê-la voltar)

LUCRECIA-Beatriz, Beatriz!

(UMM CORO FORA DE SENA REPETE VÁRIAS VEZES: BEATRIZ! BEATRIZ!)

(Beatriz, desce a platéia e sempre olhando fixamente para algum ponto no espaço, desaparece até a última voz que chama seu nome).

FIM



TEATRO DE ANTENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - L.P. 9000

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(no palco es atores) PRÓLOGO

A.1- Senheras e Senheras, vai començar o espetáculo. Nós somos os criados, sacravos ou empregades; é apenas uma questão de nomes.

A.2- Muito agradecemos a presença dos senheres.

A.3- Vamos contar a estória de uma família.

A.4- Que pederia ser muito bem a sua, eu quem sabe, sua?

A.1- É apenas uma questão de tempo.

A.2- É a bem da verdade dizemos que, por vontade da direção, suprimimos da peça o tempo...

A.3- Assim como que quase todas as características de sua época.

A.4- Que pedia muito bem ser ontem ou hoje, eu quem sabe: amanhã...

A.1- Nobres, Senheres Feudais, Burgueses, ou qualquer outro tipo de denominação é uma mera questão de nomes.

A.2- Outra coisa de capital importância, honradas espectadores...

A.3- São as conclusões! Serão particulares. Cada um dos senheres terá a liberdade de tirá-las.

A.4- Nós as desconhecemos, ignoramos eu quem sabe, mas damos muita importância a elas.

A.4- É por favor acreditem que aqui não há conclusões de espécie alguma.

A.2- E se acham que estamos mentindo, atribuam mais esta conclusão

A.3- Que é dos senhores:

A.4- A malícia cultural de cada um!

A.2- Que se acostumaram a ver as coisas sempre dúbias. Sempre com uma segunda intenção.

A.1- Malícia Cultural, coisas dúbias, segundas intenções, mera questão de nomes.

A.2- E quanto a cenários, guarda-roupa, e outras particularidades de espetáculo...

A.3- Novamente dizemos: tirem os senhores, como não seja muito mansativo, as suas próprias e individuais conclusões.

A.4- Nós apenas, a título de informação, comunicamos que muito se deve a atual precariedade do teatro nacional.

A.2- Onde produção, direção e atores e demais envolvidos, se esmeraram em tirar do mínimo o máximo!

A.3- E apelam muito para fértil imaginação da plateia.

A.1- Precariedade do Teatro, fértil imaginação do espectador, ausência de público, severidade da crítica, tudo, tudo uma mera questão de nomes.

A.2- E acabando esta nossa investigação, informamos que há muito o espetáculo já começou.

A.3- E novamente agradecemos a presença de todos.

A.4- Nosso convite para que voltem outras vezes se gostarem.

A.1- O espetáculo já começou, não há espetáculo eu o espetáculo terminou, é tudo uma mera questão de nomes (saindo)

A.2- E se não gostarem, antes que esqueçamos voltem também.

A.3- Prevejam assim em grande escala: o renascer do teatro brasileiro. (sai)

A.4- E não esqueçam de que não adianta guardarem os ingressos, pois no final da série não haverá sorteios.

A.3- Apenas alegria dos atores, produtores e demais envolvidos. (Todos vão para os camarins pelo palco)

A. 1- (que volta as pressas) Gostar ou não gostar. Voltar ou não voltar, dar prêmios ou não, é nada mais nada menos que uma mera questão de nomes... (sai rapidamente) (SEMI-RESCOUT)

CENA I

(Francisco está sentado no centro do palco. Entra Paulo)

PAULO- (com falsa timidez) Mandou-me chamar, não?

FRANCISCO- (Gritando nervoso) Não! Mandei chamar um burro que anda passando por aí!

PAULO- (cínico) Não esteu entendendo?!

FRANCISCO- Deixe de ser cínico. Eu lhe pago muito bem para tomar conta desta casa e você me falha dessa maneira.

PAULO: (desculpando-se) O senhor está falando do rapaz que anda entrando aqui?

FRANCISCO- Exatamente! E não é a primeira vez que este intruso penetra em minha casa, sem eu saber de nada.

PAULO- Prometo Patrão que isso não vai mais acontecer.

FRANCISCO- Já ando farto de suas promessas, e se isto se repetir, você irá se arrepender. Você sabe muito que não admite falhas!

PAULO- Tem a minha palavra, patrão.

FRANCISCO- Chega de conversa inútil. Você o viu?

PAULO- Quem?

FRANCISCO- Imbecil! De quem estamos falando?

PAULO- Oh! Vi, sim patrão. Só ainda não descobri quem é. Mas sei de todos os seus propositos!

FRANCISCO- Grande Novidade!!!

PAULO- (sem entender) é um rapaz que anda namorando sua filha, Beatriz?

FRANCISCO- (sobressaltado) Como você o viu?

PAULO- Aqui dentro com ela.

FRANCISCO- E não fez nada? Porque o deixou escapar?!

PAULO- Eu pensei que fosse o namorado da menina Beatriz e pudesse estar aqui.

FRANCISCO- Deixe de mentir cretino! Alguém o pagou para deixar o rapaz entrar aqui.

PAULO- Longe disto, patrão!

FRANCISCO- Você sabe muito bem que ninguém deve entrar aqui sem primeiro ser apresentado a mim. Sem passar pelo portão principal. Ouça

-sem primeiro ser apresentado a mim. Sem primeiro passar pelo portão principal. Onde você deve estar.

PAULO-Como é um caso especial com a menina Beatriz, eu admiti a entrada do rapaz.

FRANCISCO-Eu não quero ver minha filha metida com qualquer um! Mesmo Beatriz é ainda uma criança para andar as voltas com namorados.

PAULO-Beatriz já é uma moça, Patrão...

FRANCISCO-Isto quem resolve sou eu. Vejam só minha filha namorando um rapaz dentro da minha casa... e ninguém me avisa de nada!

PAULO-Prometo, Patrão que lhe trago uma ficha completa do rapaz. Vou descobrir tudo sobre ele-até se teve coqueluche quando era garotinho.

FRANCISCO-Faça isso e você será bem recompensado. Mas não o deixe mais entrar e se insistir mande um dos rapazes dar um jeito nele.

PAULO-Seguirei a risca suas ordens.

FRANCISCO-Sinto vontade de matar um cretino destes. Torturá-lo até a morte...

PAULO- (tentando amenizar) Não se preocupe, Patrão. E esqueça o rapaz. A vida não é só desenganos e contrariedades. Tem as suas compensações. O dinheiro é uma delas...

FRANCISCO-Tenho-o em demasia. Não me fale em dinheiro.

PAULO- Uma linda mulher, uma bela casa e filhos...

FRANCISCO-Meus filhos! Uma corja de devassos que só quer mulheres e mulheres, em vez de se preocuparem em conservar a fortuna dos Cenci. Regam todos os dias pela minha morte. Lucrecia, que poderia dar-me filhos, é estéril. Ao diabo com mulher e filhos! Só Beatriz. Esta sim. Pura, meiga, carinhosa... (voltando a si e olhando para Paulo) Agora saia e cumpra as minhas ordens.

PAULO- Imediatamente. (sai) (Francisco retira-se por outro lado)
(SEMI BLACKOUT)

CENA 2

(criadas estão limpando a casa. Lucrecia entra)

LUCRÉCIA-Beatriz!

LETÍCIA-Ela não está em casa, Senhora.

LUCRÉCIA-Procure no jardim.

LETÍCIA-Vou já, Senhora.

LUCRÉCIA-É meu marido?

LETÍCIA-O Senhor Cenci deve chegar a qualquer momento.

(a criada ^{vai sair} entra Beatriz pela platéia)

LUCRÉCIA-De onde vem você, minha filha?

BEATRIZ-Eu estava com Mársio no jardim, mas ele já foi embora.

LUCRÉCIA-Seu pai descobriu que Mársio frequenta nossa casa.

BEATRIZ-O que há de mal nisso, mamãe?

LUCRECIA-(Olhando para Letícia)Quero ficar a sós com Beatriz. Minha filha, você sabe muito bem que seu pai não quer ver você chorando.

BEATRIZ-E se eu falar com papai?

LUCRECIA-Por enquanto não, minha filha. Ele está ainda furioso porque Marsio entrou aqui sem seu consentimento.

BEATRIZ-E o que ele vai fazer, mamãe?

LUCRECIA-Parece que proibiu a entrada de Marsio.

BEATRIZ-E agora, como faremos para nos encontrar-mos outra vez?

LUCRECIA-Existe remédio para tudo, minha querida.

BEATRIZ-Papai é tão bom para mim. Eu sei que ele fez isso para me proteger. Mas eu não sou mais uma menininha. Vou falar com papai.

LUCRECIA :(retende-a, angustiada) Não, não Beatriz!

BEATRIZ-Porque não?

LUCRECIA-Seu pai está muito nervoso hoje e para você falar deste assunto com ele, é preciso encontrá-lo muito calmo.

BEATRIZ-Eu sei, eu sei! Mas como é que vou fazer para ver Marsio, novamente?

LUCRECIA-Calma, calma, Bea! Eu vou dar um jeito nisso. Quando Marsio voltar, eu vou falar com ele e conseguirei uma maneira para vocês dois continuem se encontrando. Não se preocupe.

BEATRIZ-Confio na senhora, mamãe.

(Entra FRANCISCO) (Fala enérgicamente)

FRANCISCO-Beatriz, onde esteve, o tempo todo?

BEATRIZ-Eu... eu estava no jardim.

FRANCISCO-(mudando de tom)Eu devia ter imaginado. O lugar de uma flor deve ser o jardim.

BEATRIZ-Papai o senhor é tão bom. (ele a puxa para si e dá-lá o seu braço no seu colo)

FRANCISCO-Venha cá!

BEATRIZ-Pronto papai. (beija-o no rosto)

FRANCISCO-Gosta mesmo de mim?

BEATRIZ-Muito, muito papai!

FRANCISCO-(olhando-a)Mas eu estou velho, feio e carrancudo...

BEATRIZ-Velho? O senhor é o pai mais jovem do mundo. Eu adoro o senhor!

FRANCISCO-Eu preciso muito de seu amor, minha filha, muito mesmo. Seu carinho e seu amor, minha filha, é que me dão forças para continuar vivendo.

Eu sou um homem muito sozinho e cheio de inimigos.

BEATRIZ-Mas o senhor é tão bom, papai.

FRANCISCO-É para você ver, minha filha. Mas o dinheiro enche de de cobiça o espírito de muita gente e por mais justo e bom, compreensivo que se seja, sempre se é invejado e mal visto.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

BEATRIZ-Mas o senhor tem de mamãe, dos manos e o meu também.

FRANCISCO-O que me interessa é o seu amor, Beatriz... (Lucrecia que permanecia calada, resolve retirar-se, mas Francisco a retém).

Espera Lucrecia. Preciso falar com você. (Para Beatriz) Hoje darei uma festa especialmente para você. Quero redimir-me do tempo que a deixei naquele internato. Foi um erro, eu sei...

BEATRIZ- Não faz mal papai. Eu só as vezes fico triste, porque o anjo nunca me visitava.

FRANCISCO- Agora estaremos sempre juntos...

BEATRIZ- Eu sei papai! (Beija-o)

FRANCISCO- Agora, meu anjo... eu preciso falar com Lucrecia. (Beatriz beija-o novamente e a Lucrecia e sai).

LUCRECIA- Temos muito pouco que falar.

FRANCISCO- Ao contrário, minha querida. Eu quero que ouça o que eu tenho a dizer: Deixe de dar idéias tolas a Beatriz.

LUCRECIA- De uma coisa esteja o senhor certo: se depender de mim Beatriz, continuará namorando aquele rapaz!

FRANCISCO- De uma coisa a SENHORA este já certamente se arrepender e muito!

LUCRECIA- Eu juro que farei o possível para afastar Beatriz de você!

FRANCISCO- O que quer dizer com isso?

LUCRECIA- O senhor sabe muito bem. E... pare com essas festas...

FRANCISCO- (interrompendo) Explique-se, vamos...

LUCRECIA- É necessário? Este seu amor sórdido por sua própria filha até onde o senhor quer chegar. O que vai fazer com Bea?

FRANCISCO- Você é uma mulher muito mesquinha. Só uma pessoa muito depravada pensaria uma coisa dessas.

LUCRECIA- Mas o conheço muito bem, sei do que é capaz!

FRANCISCO- Não percamos mais tempo em discussões sem proveito. O rapaz que anda entrando aqui, sem a minha permissão, está proibido de voltar.

LUCRECIA- Se depender de mim ele voltará aqui quantas vezes quiser!

FRANCISCO- Veremos... Agora prepare-se. Teremos festa hoje a noite e quero sua presença.

LUCRECIA- Nem eu, nem Beatriz, estaremos presentes a essa bacanal!

FRANCISCO- Não se esqueça Lucrecia, que possui meios de acabar com sua desobediência.

LUCRECIA- Por acaso, o senhor está me confundindo com alguma de suas promiscuas empregadas?

FRANCISCO- Entenda como quiser, minha querida esposa. Mas de uma coisa esteja certa, não admito, de maneira alguma que me contrariem.

LUCRECIA- O senhor está muito enganado se...

FRANCISCO- Já comprei-a uma vez, minha cara, e uma mercadoria é sempre uma mercadoria!

LUCRECIA- Crápula! Sujo!



LUCRECIA-Crápula! Sujo!

FRANCISCO-Modere a língua, mulher, para o seu próprio bem!

(Paulo entra apressadamente. Vendo Francisco e Lucrecia.)

PAULO-Desculpe-me. (ameaça sair)

FRANCISCO-(nervoso)O que quer?

PAULO-Um assunto de importância.

LUCRECIA-(Saindo)Preciso ir ver Beatriz.

FRANCISCO-Voltaremos a este assunto, oportunamente, minha querida.

LUCRECIA-Como quiser. (Sai)

FRANCISCO-O que o traz aqui com tanta urgência? Vamos falar!

PAULO- Ordens executadas com perfeição.

FRANCISCO-E então?

PAULO-Bem, ele se chama Marsio. Não é natural da região. Pelo jeito é um rapaz culto e de boa origem. Anda pregando umas idéias muito esquisitas: os lavradores, mendigos e até a sua criadagem gostam muito dele...

FRANCISCO-Esta é a ficha completa que você ia me trazer?

PAULO-Dizem que é um artista, um pintor. As autoridades andam a sua procura. Ele prega idéias perigosas para a nobreza...

FRANCISCO-Não existem idéias que nos prejudiquem, no momento. Mas se fôr o caso, nós as compraremos e as transformaremos a nosso favor!

PAULO-Comprar as idéias, patrão?

FRANCISCO-O dinheiro foi feito para isso, meu caro.

PAULO-Tem mais, ele anda dizendo por aí que os homens andam sendo explorados...

FRANCISCO-Precisamos pegá-lo antes das autoridades... E tem mais; faça com que ele entre aqui quantas vezes quiser!

PAULO-O que?

FRANCISCO-É isso mesmo. É um plano que tenho em mente. (vai diminuindo a altura da voz gradualmente) Se você conseguir deixá-lo o maior tempo possível com Lucrecia, a sós, é claro... (os dois continuam falando, mas o público já não deve ouvir som algum) (SEMI-BLACKOUT)

CENA 3

(Criados distribuídos pela platéia, conversando) (Marsio e Beatriz no palco correm um para o outro e se abraçam ficando estáticos)

BEATRIZ-Marsio!

MARSIO-Beatriz! (ficam estáticos, abraçados)

CRIADA I-A menina Beatriz está amando!

CRIADA II-Pior para ela...

CRIADO I-Você não conhece o patrão.

CRIADA II-O SENHOR CECÍLI, não vai querer ver a sua filhinha predileta, casada com qualquer um...

CRIADA I-Desde que ela o ame,não interessa quem seja...

CRIADA II-Desde que tenha uma fortuna razoável,é claro.

CRIADO I -Que possa dar a Beatriz,uma vida tranquila,um futuro promissos.

CRIADA II-O importante é que eles se amem de verdade.

CRIADA II -O patrão vai permitir...Ele está certo.É o que faria voce?

CRIADO I-Para as mocinhas filhas de gente bem,o casamento é um alto negócio!

CRIADO II-É mais seguro que jogar na bolsa!

CRIADA II -Basta selar pelo material,entregá-lo intacto e com uma série de prendas domésticas que satisfaçam ao gosto mais apurado!

CRIADO I-É tudo isso exige muitos gastos e pai nenhum quer sustatar filhas e maridos.

CRIADA II-Em resumo,minha querida:O casamento ainda continua sendo um ótimo negócio!

(Márcio e Beatriz retomam a cena)

BEATRIZ-Pensei que voce não viesse...

MÁRSIO-Eu disse que viria,meu amor!

BEATRIZ-(de mãos dadas com Márcio)Márcio!

MÁRSIO- Já é hora de falarmos com seu pai.Estou cansado de entrar aqui como um ladrão.

BEATRIZ-Será que eu não mereço o sacrifício?

MÁRSIO-(procurando acalmá-la)Não é isto anjo! é que dessa maneira pode haver encrenca,compreende?Estou sendo procurado...

BEATRIZ-(assustada)O que voce fez,Márcio?É sério?Voce está em perigo?

MÁRSIO-Não se preocupe,amor.É que sou estranho por aqui e não tenho ocupação fixa...

BEATRIZ-Só isso?

MÁRSIO-(mudando de assunto)Sabe,Bea,eu tenho meio de falar com seu pai...

BEATRIZ-Porque voce tem meio de papai?

MÁRSIO-(separando-se dela)É que correm boatos,muito estranhos sobre o Senhor Cenci.

BEATRIZ-Que boatos,Márcio?

MÁRSIO-Nada.Esqueça isso...foi um erro ter falado...

BEATRIZ-Porque Márcio?

MÁRSIO- Ele é tão rico,tão poderoso,sei lá.Parece que não vai querer sua filha as voltas com um ~~qualquer~~ qualquer?

BEATRIZ-Mas,Márcio voce não é um qualquer.Voce trabalha e é um rapaz culto- é um artista!

MÁRSIO- Mas eu não tenho um trabalho fixo,seguro...não posso oferecer-lhe ...

BEATRIZ-Isto não tem importância!



MARSIO-Para você, Bea! As vezes sinto vontade de fugir de tudo e de todos. Sei lá, gosto de andar a esmo, sem destino...

BEATRIZ-Sem mim?

MARSIO-É claro que não (beijando-a)

BEATRIZ-Porque você não procura um emprego e depois fala com papai?

MARSIO-Primeiro eu tenho uma missão a cumprir, Bea.

BEATRIZ- Missão?

MARSIO-É, eu acho que tenho de fazer alguma coisa...

BEATRIZ-não entendo, Marsio.

MARSIO-É que eu não posso ver gente sofrendo. Gente com pouco e gente com muito. Eu preciso ir ao encontro a essa gente, falar com eles, sei lá Bea, é uma coisa aqui dentro que me obriga a fazer isso. Acho que só vai acabar quando ninguém mais sofrer!

BEATRIZ-Marsio, você é tão bom!

(Lucrécia entra. Marsio, fica sem jeito tenta afastar Beatriz)

MARSIO-Bea, sua mãe!

BEATRIZ-(levando-o pela mão até Lucrécia) Este Marsio é mamãe!

(SEMI-BLACKOUT)

CEENA 4

LUCRÉCIA-

(Lucrécia e Marsio conversam. Paulo os observa de longe)

LUCRÉCIA-Meu marido, proibiu a sua entrada nesta casa. Paulo tem ordem de não deixá-lo entrar.

MARSIO-Mas foi esse mesmo criado que me possibilitou a entrada aqui?!

LUCRÉCIA- É que estou pagando soma bem alta para isso, meu jovem.

MARSIO-Muito obrigado senhora, por sua dedicação!

LUCRÉCIA-Você já deve saber que Beatriz, não é minha filha! Mãe dela morreu muito cedo...acidentalmente. Meu marido é temido e odiado em toda a região.

MARSIO-Disem coisas tremendas a seu respeito.

LUCRÉCIA-Suas atrocidades não têm mais conta. Cuidado com ele...

Afaste-se o mais possível desta casa e... (Paulo sai)

MARSIO-E Beatriz?

LUCRÉCIA-Não se preocupe, darei um jeito...Agora vá, por favor.

MARSIO-Até breve...(Vai sair e entra oriada)

CRIADA II-(rindo com deboche)Com sua licença.

LUCRÉCIA-O que você quer?

CRIADA II-(com intenção)Nada(rindo)Nada. Desculpe-me senhora. Eu vim apenas limpar.

(Marsio sai apressadamente. Entram Francisco Genoi, Paulo e e criadas)

FRANCISCO-Parece que cheguei num péssimo momento!

LUCRÉCIA-O que deseja?(Os criados ficam a um canto cochichando)

FRANCISCO-Apenas conversar(ri-se)Porque? Há algum mal nisso?

LUCRÉCIA-(nervosa e tensa)Eu o conheço muito bem!

FRANCISCO-Ouvi vozes estranhas a pouco...

LUCRÉCIA-Se deseja maiores informações, pergunte a qualquer uma de suas amantes(montando as criadas)Elas sabem mais do que eu!

suas amantes (apontando para as criadas) Elas sabem melhor do que eu!

FRANCISCO— Não será necessário, eu mesmo percebi tudo?

LUCRÉCIA— Percebeu o quê?

FRANCISCO— Acalme-se querida, ninguém ficará sabendo desta sua falta de pudor em receber o amante em sua própria casa aos vistas de seu marido!

LUCRÉCIA— Mas é um absurdo!

FRANCISCO— Absurdo ou não, possui provas a notícia se espalha, Paulo se encarrega de soltar a língua... a criada já de estar sabendo.

LUCRÉCIA— Será tão ridículo e vergonhoso para mim, quanto para o Senhor!

FRANCISCO— Pouco me importam os comentários sociais, minha querida. Mas a Senhora, irá para a sargeta vender o corpo por missões trocadas. Voltará ~~para~~ para o lugar de onde eu a tirei!

Pense melhor... antes de agir precipitadamente.

LUCRÉCIA— Cale-se, por favor!

FRANCISCO— Beatriz e seu beatos parentes ficarão do lado, tenho certeza. Vejo o meu silêncio é precioso!

LUCRÉCIA— Qual é o preço deste silêncio?

FRANCISCO— (fazendo um gesto) Paulo, deixe-nos a sos. Ótimo, Lucrecia, ótimo. Você é bastante esperta, se não fosse a religiosidade de seus parentes com seus conselhos idôneas sobre moral, você seria uma ótima companheira para um homem como eu.

LUCRÉCIA— Vamos direto ao assunto, Francisco.

FRANCISCO— Serei breve: Eu preciso de um favor seu (aproximando-se)

LUCRÉCIA— O Senhor pedindo favores? (ri-se) A mim?

FRANCISCO— Convença Beatriz a ser minha!

LUCRÉCIA— Você enlouqueceu, é um preço alto demais para mim!

FRANCISCO— (Enérgico) Eu quero Beatriz!

LUCRÉCIA— Você possui os meios de persuadi-la. Não precisa de minha ajuda. Decididamente você enlouqueceu!

FRANCISCO— Ela confia em você.

LUCRÉCIA— Não posso fazer isto.

FRANCISCO— Mulheres, virtuosas mulheres. Vocês são todas iguais: o que muda em você é a embalagem e o preço!

LUCRÉCIA— Peça-me uma coisa honesta e eu o atenderei.

FRANCISCO— ~~Você é a escolha~~ A escolha é sua: "honrada senhora" (virando-se) (gritando) Paulo, Paulo!

LUCRÉCIA— O que vai fazer?

(Paulo entra nas pressas)

FRANCISCO— E os preparativos para a festa?

PAULO— (cínico) Tudo correndo da melhor forma possível!

FRANCISCO— Pois suspenda a tal festa!

PAULO— Mas patrão, os convidados, os preparativos?

FRANCISCO— Não importa, suspenda tudo. Quero um jantar íntimo, a luz de velas e muita bebida!

PAULO— E todo o dinheiro gasto?

FRANCISCO— Cale-se. (estendendo-lhe uma quantia) Isso é por conta dos seus serviços.

